Sobre ritmos e sensorialidades: a dimensão arcaica das automutilações

A propos des rythmes et des sensorialités: la dimension archaïque des automutilations

Natália de Oliveira de Paula Cidade[*]

Resumo: A finalidade do presente artigo é refletir acerca da dimensão arcaica das automutilações e suas repercussões na clínica psicanalítica, a partir do estudo da constituição psíquica e dos processos de diferenciação eu/não-eu, próprios ao início da vida. Tal dimensão tem como referência elementos dos primórdios sensoriais que ultrapassam a memória dos acontecimentos cronológicos, permanecendo ativos no presente, nas formas de se relacionar com os outros sujeitos. Nesse contexto, as automutilações estariam relacionadas a problemáticas narcísicas do início da vida, dos primeiros encontros intersubjetivos e dos processos de diferenciação que marcam os limites entre sujeito e objeto. Nossa hipótese se constrói em torno do entendimento de que, quando os primórdios da vida são marcados majoritariamente por desencontros e desarmonias, haverá consequências severas nos processos de subjetivação do bebê, refletindo na problemática da automutilação.
Palavras-chave: Automutilação. Arcaico. Sensorialidade. Ritmo.

Résumé: *Le but de cet article est de réfléchir sur la dimension archaïque des automutilations et leurs répercussions dans la clinique psychanalytique, à partir de l'étude de la constitution psychique et des processus de différenciation moi/non-moi, typiques du début de la vie. Cette dimension a pour référence des éléments des débuts sensoriels qui vont au-delà de la mémoire des événements chronologiques, restant actifs dans le présent, dans les modes de relation avec d'autres sujets. Dans ce contexte, les automutilations seraient liées aux problèmes narcissiques du début de la vie, aux premières rencontres intersubjectives et aux processus de différenciation qui marquent les limites entre sujet et objet. Notre hypothèse est construite autour de la compréhension que, lorsque les débuts de la vie sont principalement marqués par des désaccords et des disharmonies, il y aura de graves conséquences dans les processus de subjectivation du bébé, reflétant le problème de l'automutilation.*
Mots-clés: *Automutilation. Archaïque. Sensorialité. Rythme.*

[*] Psicóloga clínica. Pós-doutorado em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Professora e supervisora da Especialização em Psicologia Clínica com Crianças da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Membro do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi (GBPSF).

Porque ao princípio é o ritmo; um ritmo surdo, espesso,
do coração ou do cosmos – quem sabe onde
um começa e o outro acaba?
Eugénio de Andrade

As automutilações designam o ato de ferir intencionalmente uma parte de seu próprio corpo, sem a intenção consciente de morte (FELDMAN, 1988). Trata-se de um fenômeno complexo que traz à tona os registros do corpo e do ato, tendo como condição de possibilidade uma série de condutas diferenciadas que têm em comum infligir danos à própria pele, de diferentes maneiras e em diferentes contextos. Este ato provoca uma laceração, assim como ruptura e descontinuidade do tecido epitelial. A pele faz referência a uma noção de integração e de continuidade na psicanálise, sendo através de sua apropriação que o sujeito começa a compreender a diferença entre eu e não-eu e a tecer suas relações consigo e com o mundo. A escolha da pele como órgão de ataque nas automutilações direciona nosso olhar para além da destrutividade escancarada presente nesses quadros, nos possibilitando ver uma costura entre o fenômeno das automutilações e uma temporalidade própria da constituição psíquica.

Apesar de haver prevalência das automutilações no período da adolescência, seguido do número de casos em adultos, nos propomos a investigar um tempo anterior, que nomeamos de *dimensão arcaica* das automutilações. Tal dimensão tem como referência elementos dos primórdios sensoriais que ultrapassam a memória dos acontecimentos cronológicos, permanecendo ativos no presente, nas formas de se relacionar com os outros sujeitos. Diz respeito a problemáticas narcísicas do início da vida, de construção do eu-corporal, dos primeiros encontros intersubjetivos e dos processos de diferenciação que marcam os limites entre sujeito e objeto. Nessa direção, as automutilações representariam uma via atual através da qual experiências indeléveis, da ordem do arcaico, podem vir a se apresentar.

Tendo o ataque ao corpo e, mais especificamente, à pele, como referencial, o objetivo do presente artigo é refletir sobre essa dimensão mais arcaica do fenômeno das automutilações, na direção de compreender possíveis efeitos da constituição psíquica que estariam presentes nas condutas automutilatórias, para além dos sofrimentos traumáticos que podem estar sendo reencenados em busca de simbolização. Apostamos na ideia de que as automutilações nos dão notícias de níveis mais primários de representação do eu que permanecem

atuando, assim como de seus primeiros encontros intersubjetivos e relacionais com seus objetos primordiais, trazendo ritmos e sensorialidades para o centro da cena.

AUTOMUTILAÇÕES: UM TEMPO FORA DO TEMPO?

Hilda[1] tem vinte e poucos anos, mora com seus pais e é estudante universitária. Começa a análise por exigência da família e da instituição que começou a frequentar após uma primeira internação psiquiátrica. Parece temerosa em confiar no espaço da terapia e fala repetidamente sobre o medo que tem de ficar dependente das outras pessoas. Usa sempre calças compridas e uma série de pulseiras para esconder as cicatrizes dos cortes feitos nas coxas e no antebraço esquerdo. No caso de Hilda, as automutilações costumam ser escarificações e arranhões autoprovocados. Teve raros episódios de autoqueimadura por cigarro, quando não tinha acesso a objetos cortantes. Não sabe precisar o início exato dos episódios de automutilação, só diz ter sido na adolescência.

Hilda passou pelo menos alguns anos se automutilando sem que outras pessoas soubessem. O primeiro a perceber suas cicatrizes foi o namorado, com quem tem um relacionamento amoroso bastante conturbado. Nesse cenário de brigas do casal, os momentos de angústia aumentaram e Hilda começou a se cortar de forma mais impulsiva e grave. Esses episódios costumavam ocorrer após brigas e/ou tentativas de separação do namorado. Quando ele se afastava e não queria mais ver ou falar com Hilda, ela entrava em desespero e se machucava. Ela dizia que, sem ele, era como se ela própria não existisse mais, automaticamente se sentindo apagar junto com sua partida. Depois de inúmeras tentativas de alcançá-lo, Hilda recorria aos cortes e aos arranhões como forma de buscar um alívio instantâneo diante do objeto considerado perdido, alegando não aguentar os momentos de separação que, para ela, eram piores do que a morte.

Nas sessões, Hilda demora alguns anos para começar a falar sobre seus episódios de automutilação. Ela relata não sentir dor no momento dos cortes e diz que se cortar não é uma opção consciente, mas uma imposição que vem a ela diante da perda de contato com o outro. Diz que não entende por que se

1. A paciente em questão foi acompanhada pela autora e possui seu nome e partes de sua história modificadas para preservar o sigilo exigido por nossa prática profissional.

machuca e que não consegue ter pensamentos enquanto está se ferindo. Não sabe o que sente ou por que sente. É só um grande vazio de angústias e o único sentimento descrito por ela é o de *não existência*. Enquanto o outro não pode ser acessado, Hilda fica em um estado de "morta em vida". E, se o outro vai embora, a vida de Hilda parece ir embora com ele. É como se a existência de Hilda estivesse atrelada à existência do outro e, sem ele, ela não existisse mais. Nesse cenário, os cortes e machucados aparecem como possibilidade de barrar a ameaça de não existência, garantindo a retomada de um sentimento de estar viva e presente no mundo.

Do alívio sentido através do ato de se machucar, Hilda só consegue evocar fragmentos e palavras soltas. Ela me fala das sensações que o corte provoca nela, de como percebe a textura de sua pele diferente, seu corpo mais vivo, se sente existindo no mundo naquele momento. Quando se corta, se arranha e/ou se queima, sabe que, naquele momento, ela é a Hilda novamente. Tem algo da sensorialidade que parece resgatar quem ela é, garantindo sua própria existência diante da ameaça de separação de um outro, misturado com ela.

A partir da vinheta clínica apresentada e tendo como base outras experiências clínicas e bibliográficas sobre as automutilações, destacamos que a questão da *separação* surge como elemento primordial. Muitas vezes, o contexto de perda ou de separação de um sujeito. ao qual é atribuída grande importância, desencadeia os atos automutilatórios (CIDADE, 2020). Anteriormente a estes, há uma interrupção de contato, que pode ser a perda (ou iminência de perda) de um vínculo afetivo por razões de falecimento, afastamento ou término de relacionamento amoroso, como no caso de Hilda. A separação que antecede os episódios de automutilação, parece ser acompanhada de intenso sentimento de angústia e uma vivência de aniquilamento de si, tal como nas angústias impensáveis, de Winnicott (1974/1994), que levam o sujeito para um vazio da não integração e o sentimento de não existência. Nos casos descritos, parece não haver limite claro entre sujeito e objeto, e a separação do outro pode levar ao sentimento de ruptura na continuidade de existência, se configurando como uma ameaça à integração narcísica daquele sujeito.

De acordo com Roussillon (2013), a separação reflete um dos paradigmas essenciais da psicopatologia de nossa época, uma vez que problematiza diferentes camadas temporais. Se, por um lado, a separação está relacionada aos conflitos psíquicos e edipianos, por outro, ela nos envia para um tempo primevo, no qual vivemos os primeiros encontros com a alteridade e começamos a construir os vínculos intersubjetivos a partir dos quais o sujeito se constitui.

Nesse tempo inicial, a temática da separação pode ser representada pela dialética do par presença/ausência, que comanda o trabalho de elaboração da experiência de separação. O equilíbrio entre o par presença/ausência é que vai garantir, inicialmente, a experiência interna de continuidade psíquica, operação narcísica fundamental que parece estar prejudicada nos casos de automutilação. Para que o sujeito comece a delinear seus limites corporais e psíquicos, é a alternância da presença e da ausência que vai possibilitar a instauração dos processos de diferenciação entre o eu e seus objetos primordiais, operação que antecede a separação propriamente dita.

Isso nos leva a uma importante discussão acerca dos conceitos de separação e diferenciação. Quinodoz (1991/2014) organiza didaticamente duas operações possíveis que levam em conta a seara das separações: 1) a *separação* propriamente dita, que pressupõe uma relação anterior entre dois sujeitos diferentes, contemplando a noção de que cada um é uno e discriminado perante o outro, e quando um dos sujeitos se afasta, não há maiores riscos para o eu do sujeito que permaneceu; 2) *diferenciação*, em que a separação é vivida antes que surjam em cena dois sujeitos distintos, de forma que sujeito e objeto ainda estão, em algum nível, entrelaçados e confundidos. Para que um sujeito possa suportar uma situação de separação, sem sentir que uma parte do seu próprio eu será perdida junto com o outro que parte, é indispensável que o processo de diferenciação esteja instaurado. Caso contrário, a separação será vivida como perda de uma parte de si, evocada pela perda do próprio objeto.

No par presença/ausência, o problema da separação surge justamente na passagem da presença para a ausência, passagem do descolamento entre o investimento da representação interna do outro e sua percepção externa. Para que a ausência possa ser vivenciada como não ameaçadora, será necessário um tempo próprio de maturação psíquica do bebê, assim como uma presença objetal "suficientemente boa", utilizando uma expressão winnicottiana. Caso contrário, há o risco de a representação do objeto ser "arrancada" junto com a desaparição do objeto em si ou de sua percepção, deixando um vazio que será preenchido com partes do próprio sujeito.

Se as experiências de separação surgem excedendo as capacidades do bebê em momentos nos quais os processos de diferenciação ainda estavam sendo instaurados, pode haver falhas na capacidade futura do sujeito em lidar com as separações ao longo de sua vida, como na vinheta apresentada. No caso de Hilda, a ausência do namorado trazia à tona um sentimento de ruptura da perda da continuidade de si. Ela tinha a sensação de que se perdia de si mesma

quando o outro não podia ser alcançado ou ameaçava se separar dela. Após a separação, Hilda não conseguia se sentir viva, precisando recorrer às automutilações para que algo de sua existência retornasse sensorialmente. Nesses casos, a ausência da pessoa considerada importante traz à tona uma agonia que é experimentada quando o sujeito percebe que ele e o objeto não são um. Haveria a sensação de que o objeto leva consigo partes da própria pessoa quando se separa e, a partir daí, o outro pode se tornar ameaçador, uma vez que a integridade narcísica do sujeito não está garantida.

No que diz respeito à ameaça contida no outro, vivida nas automutilações, encontramos em um dos destinos pulsionais freudianos (FREUD, 1915/1996) essa retirada do investimento no mundo e direcionamento para si mesmo: o *retorno ao próprio eu*, uma vez que o objeto não chega a ser solicitado, sendo um ato que se resolve pela própria pessoa e no próprio corpo.

Neste caso, o objeto encontra-se confundido com o próprio eu, transformando em narcísica uma problemática relacional. Cria-se todo um circuito em torno do eu, fazendo do corpo o próprio objeto. O eixo narcísico-objetal fica confuso, uma vez que o objeto saiu de cena e o sujeito virou objeto, reflexivamente sendo sujeito e objeto da própria cena. Haveria uma tentativa de *autorregulação narcísica*, de forma que há esforço para resolver, no próprio corpo, questões que seriam de ordem relacional.

Sabemos, com Freud (1914/1996), que as feridas físicas podem auxiliar na proteção contra o excesso pulsional que ameaça o eu e o coloca em risco de perda da integridade narcísica. Ao observar os soldados que voltavam da guerra, Freud (1920/1996) constata que aqueles que tinham sofrido lesões físicas tinham menor chance de sofrer também com as consequências psíquicas desta experiência de sofrimento. Dessa forma, há contenção da energia psíquica que, ao invés de ficar livre, se descarrega nas feridas físicas. Partindo das contribuições freudianas, Dargent e Matha (2011) fazem uma correlação entre esse caráter de proteção das feridas físicas e as automutilações, na medida em que os machucados levam a um engajamento de contrainvestimentos narcísicos que ligam o excesso de excitação pulsional, protegendo o psiquismo.

No caso das feridas físicas (sejam ou não autoprovocadas), podemos dizer que o investimento narcísico se encontra privilegiado em detrimento dos investimentos objetais. A dor física é de natureza narcísica, conforme nos aponta Freud (1914/1996), ao evocar algumas situações de retirada narcísica para o próprio eu, como o exemplo clássico da dor de dente. Em alguns casos, o narcisismo pode estar na origem de uma recusa a se engajar em investimentos

objetais, que seriam percebidos pelo eu como ameaças a sua continuidade de existência.

A questão da dor física nos cenários de automutilação é controversa. Não há consenso sobre o papel da dor nos estudos existentes; no entanto, a maioria dos autores aponta que a busca pela dor não seria o elemento de principal destaque nestes quadros. Corcos e Richard (2006), assim como Pommereau (2006) e Dargent (2010), apontam para o fato de que muitos pacientes afirmam não sentir dor no momento em que estão se ferindo, destacando, pelo contrário, os sentimentos de alívio e apaziguamento trazidos pelo ato automutilatório. Enquanto a dor e a culpabilidade estariam mais relacionadas a elementos edípicos presentes nas automutilações, em um nível arcaico, os sentimentos de anestesia e vergonha dominariam a cena.

Nestes casos, o encontro com objetos seria tão ameaçador para o eu que a libido passaria a desinvestir os objetos externos e retornar para o próprio eu, mantendo-se a salvo. Acreditamos que este movimento se encontra em jogo nas automutilações. Há um retorno da libido para o próprio eu com o intuito de salvar-se da ameaça contida em se relacionar com os objetos, assim como uma tentativa de inversão de um vivido passivo para um ativo (reflexivo, na verdade).

A partir destas contribuições, podemos nos perguntar como teria sido este início de diferenciação nos casos de automutilação. De que forma o par presença/ausência teria sido vivenciado? Como teria sido a qualidade da presença deste outro primordial? Poderíamos pensar em processos ocorridos nos primórdios, nos quais as descontinuidades entre sujeito e objeto teriam se dado de forma a prejudicar o sentimento de continuidade de existência destes sujeitos? Eles teriam sofrido vivências de descontinuidades desestruturantes no encontro com o outro, antes de terem seus limites – psíquicos e corporais – estabelecidos?

INTERSUBJETIVIDADE E O SENTIMENTO DE CONTINUIDADE DE EXISTÊNCIA NOS PRIMÓRDIOS DAS AUTOMUTILAÇÕES

A experiência interna de continuidade psíquica encontra-se indissociável da qualidade da presença materna e em relação direta com os processos de diferenciação e separação, explorados anteriormente. Se, nos casos de automutilação, o sujeito sente sua continuidade psíquica ameaçada por não se perceber

diferenciado do objeto que o abandona, compreender de que forma esse sentimento de continuidade de existência é construído e mantido ao longo do tempo e do espaço será de extrema importância na presente discussão.

No início da vida, a questão da diferenciação se coloca atrelada ao terreno da intersubjetividade: para que o bebê se veja separado da mãe, será necessário passar por uma experiência de estar submetido ao mundo para começar, gradativamente, a ter consciência de que ele existe e de que está vivo, até chegar a um sentimento de ser uno e separado da mãe. Podemos sublinhar, com Golse (2006), que o acesso à intersubjetividade nunca está garantido e acabado, mas, ainda assim, há que pensarmos em um ponto de partida para esta criação.

Golse (2014) afirma ainda que o acesso à intersubjetividade tem relação direta com a operação de se tornar uma pessoa e a define como "o vivido profundo que nos faz sentir que o si próprio e o outro são dois" (p. 30, tradução nossa), que há uma diferença entre ambos. O autor coloca que esta temática é de extrema importância nas últimas décadas e ressalta o debate existente entre aqueles que defendem a emergência da subjetividade, dando mais ênfase ao interpessoal, e aqueles que colocam em foco primeiramente o intrapsíquico. Em consonância com o autor, nos identificamos como uma "terceira via", afirmando que a intersubjetividade é o que permite a descoberta do outro no registro interpessoal, possibilitando a construção do intrapsíquico. Juntamente com Golse, Roussillon e outras parcerias, apostamos na ideia de que o acesso à intersubjetividade ocorreria de maneira dinâmica e progressiva, valorizando a importância de ambos os campos, interpessoal e intrapsíquico, e caminhando na direção de uma intersubjetividade que dê suporte para o processo de subjetivação.

A subjetivação pode ser entendida como um caminho de descoberta de si mesmo como sujeito, ao mesmo tempo em que se descobre o outro como objeto e também como outro sujeito (ROUSSILLON, 1999). Esse processo consiste em instaurar uma subjetividade a partir do encontro entre um ser ainda-não-sujeito e seu outro primordial, mediados pelo entorno. No início da vida, contudo, o outro não é conhecido ainda como objeto totalmente destacado e diferenciado do bebê, de forma que podemos nos questionar sobre como o outro se apresenta para o bebê e se deixa conhecer por ele.

Quando pensamos na importância que o terreno da intersubjetividade adquire na compreensão do início da vida, ressaltamos que o nascimento do psiquismo se encontra indissociável do nascimento do objeto (GOLSE; ROUSSILLON, 2010). No começo, o contato entre o bebê e o mundo ocorre através

da *sensorialidade* e do *ritmo*, das continuidades e das descontinuidades que marcam suas experiências. Neste sentido, nos voltamos para estas dimensões com o intuito de compreender a forma através da qual o psiquismo se constrói no encontro com o outro (na qualidade da presença deste encontro), a partir das primeiras relações intersubjetivas de troca, através do/mediado pelo sensorial e pelo ritmo.

Fornecendo as bases para esse percurso dos primórdios, gostaríamos de evocar o conceito freudiano de eu-corporal e ressaltar o fato de que o eu não está formado desde o princípio da vida, como afirma Freud (1914/1996) em seus estudos sobre o narcisismo. Nas palavras do autor, "estamos destinados a supor que uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem que ser desenvolvido" (p. 84). Complementando com uma nota de rodapé anexada pelo autor em 1927: "o ego em última análise deriva das sensações corporais, principalmente das que se originam da superfície do corpo" (FREUD, 1923/1996, p. 39).

Dessa forma, sublinhamos que a vida começa pelo corpo e pelas sensações com as quais entramos em contato, e destacamos a importância que Freud dá à superfície da pele, considerando que o eu surge a partir do contato que temos com o mundo, mediado pelas sensações corporais. É a partir da percepção e da consciência, da maneira como sentimos e somos transformados pela nossa experiência sensorial com o mundo, que o eu se forma – e se transforma.

Neste momento inicial do desenvolvimento, todas as experiências do bebê estariam atreladas às sensações despertadas em seu próprio corpo, pelo encontro com o mundo e seus objetos. Em consonância com Aragão (2018), ressaltamos que o "início da vida é de certa maneira o reino da sensorialidade, da motricidade e do ritmo, ancorados no corpo e no contato com o outro" (p. 16). Esses campos que estamos descrevendo aqui já se encontram em atividade desde a vida uterina, primeiro capítulo de nossa história. O feto vai recebendo estímulos táteis, sonoros, gustativos e olfativos que advêm do corpo materno e, com isso, vai se constituindo para ele uma rudimentar experiência sensorial de um primeiro outro, ainda não percebido como tal. Dessa forma, o feto já vive, no útero, breves experiências de descontinuidade que vão possibilitar um esboço de diferenciação entre ele e seu entorno.

No que diz respeito à precocidade das vivências sensoriais intrauterinas, Prat (2007, 2010) ressalta que a pele possui desenvolvimento embriológico bastante aguçado, se tornando o primeiro órgão de transmissão de informações sobre o mundo para o bebê, reafirmando as ideias de Anzieu (1985/2000)

sobre a importância da pele como primeiro continente e fonte de comunicação com o mundo externo, transmissora das primeiras informações que apareceriam, apontando a existência de experiências "não-eu" no mundo do bebê. A singularidade do órgão pele, no que diz respeito à reflexividade, também possui papel importante intraútero, uma vez que a sensação de contato supõe e inclui o encontro com o outro e o ato de tocar um tecido diferente do nosso próprio causa sensações de ordens diferentes (tocar algo é diferente de se tocar).

As particularidades do tato levaram Prat (2007) a desenvolver a hipótese de que, no começo da vida, as primeiras experiências sensíveis são inscritas na dualidade da alternância entre *estar em contato* e *estar sem contato*, desde o útero materno. Essa hipótese traz à tona a dimensão do ritmo, indissociavelmente ligada à dimensão da pele e do toque, pois é através das continuidades e descontinuidades do toque (seja no ventre materno com as paredes uterinas, seja do bebê pós-nascimento) que alguma dimensão do "não-eu" pode começar a ser esboçada no bebê.

A ritmicidade dos encontros com aquele que um dia se tornará um outro sujeito já existe em um plano sensorial desde as origens, de forma que os primeiros contatos se inscrevem através dos elementos táteis na alternância do par contato/perda de contato. Podemos pensar que esse par é uma forma precoce de apresentação do par ausência/presença, responsável direto pelo sentimento de continuidade de existência que nos acompanhará ao longo de toda a vida. São estas experiências de descontinuidade vividas intraútero através dos domínios da sensorialidade que marcam as primeiras experiências de diferenciação entre mãe e bebê.

Discorrendo acerca da condição de prematuridade biológica do bebê humano, Freud (1926[1925]/1996) aponta que "há muito mais continuidade entre a vida intrauterina e a primeira infância do que a impressionante cesura do ato do nascimento nos teria feito acreditar" (p. 137), de forma que podemos expandir as descobertas de Prat (2007) sobre a vida intrauterina para a relação pós-natal e apostar no entrelaçamento do ritmo com a sensorialidade (em especial, o sentido do tato), na direção de compor nossa hipótese de trabalho sobre o início da vida e dos processos de diferenciação nos sujeitos que se automutilam.

As sensações se formam a partir do contato entre as superfícies das partes do corpo do sujeito e dos objetos presentes no mundo externo, fonte de surpresa, satisfação, excitação e, acrescentamos, por vezes, transbordamento. Elas dão ao sujeito não somente o sentimento da própria existência a partir do con-

tato com o sensorial presente no mundo externo, mas também o sentimento de existência dos objetos do mundo externo e a continuidade de existência do entorno. Dessa forma, o contato com o sensorial fornece, ao mesmo tempo, a existência de si próprio e do mundo. Esta vivência permite ao bebê começar a estabelecer suas primeiras formas de identificação (KONICHECKIS, 2002).

Destacamos ainda os trabalhos de Frances Tustin e Geneviève Haag, com o intuito de nos auxiliar na compreensão dos processos de diferenciação. Ambas abordam formas muito primitivas de relações que se passam antes do processo de consciência de separação entre o par mãe-bebê e desenvolvem o tema da sensorialidade a partir da clínica do autismo. Apesar de não termos como foco no presente trabalho os quadros de autismo, acreditamos ser de suma importância a compreensão dos trabalhos das autoras, uma vez que a automutilação também traz à tona o componente sensorial, guardadas as devidas diferenças e singularidades psicopatológicas.

Tanto Tustin (1977, 1984) quanto Haag (2018) consideram o predomínio das sensações como a base para a formação do eu, com base no eu-corporal freudiano. Neste momento, a continuidade de existência é garantida pela troca existente entre o bebê e seu entorno, que ocorre mediada pela sensorialidade e pelo ritmo. O processo de subjetivação visa ao estabelecimento de um sentimento sensorial de continuidade da existência "nesse tempo onde, continuadamente, se produzem descontinuidades" (KONICHECKIS, 2018, p. 75). Neste momento inicial, sujeitos e objetos psíquicos compreendidos como fazendo parte de uma relação objetal ainda não estão constituídos no bebê. Eles só se organizarão dessa forma a partir do desenvolvimento dos primeiros vínculos entre o bebê e seu objeto primordial.

O eu primitivo é descrito por Tustin (1990) como um fluxo de sensações, só podendo existir, inicialmente, através de um sentimento corporal. Com base nos escritos de Winnicott, a autora afirma que, na primeira infância, a troca entre o par mãe-bebê tem como base a ilusão que "parece ser a de um fluxo e refluxo contínuo, rítmico" (p. 181). O sentimento de existência tem como suporte experiências sensoriais e rítmicas, que são vividas no corpo. Neste momento, a experiência psíquica está baseada nas sensações corporais, de forma que esses estados primitivos se apresentam como um "repertório de sensações relativamente descoordenadas que são mais *sentidas* que imaginadas" (TUSTIN, 1990, p. 175). Esse primeiro sentido de ser da criança, primeiro esboço de eu, pode ser localizado como *eu-sensação* (termo originalmente cunhado por Jonathan Muller).

Inicialmente, esses fluxos sensoriais encontram-se clivados, de forma que o bebê só consegue perceber estímulos diferentes advindos de sentidos diferentes (audição, tato etc.), mediado por uma apreensão fragmentada da experiência (HAAG, 2018). Cada sensorialidade se organiza de forma fragmentada inicialmente – clivada – e só é possível ter contato com o objeto em partes. Com base nos escritos de Meltzer, Haag afirma que será necessário um "mantelamento" progressivo destes sentidos, na direção de compor um só objeto, percebido em sua totalidade, a partir da junção das sensorialidades clivadas. Para perceber o outro como diferente, o bebê deve, progressivamente, poder apreendê-lo por diferentes canais sensoriais simultaneamente, de forma a unir como uma totalidade as informações provenientes dos diversos fluxos sensoriais.

Se há um sentimento de existência, mesmo que precário, podemos inferir que já existe, em algum nível, o surgimento de um eu. Em relação a este sentimento inicial precário de existência, Mano (2013) toma como base os trabalhos de Federn e Tustin para se referir ao *eu-rudimentar*, primeira noção de eu pertencente ao sujeito, mesmo que possamos falar em termos de um "esboço" de eu, complementando a autora. Ela afirma que o eu-rudimentar seria, essencialmente, um eu-corporal, e que, nesse estado, "a existência é sensorial e, sem representação da ausência, tudo o que existe, existe no corpo" (p. 237).

De acordo com Haag (2006), o sentimento de continuidade de existência é constituído através de percepções *rítmicas* que advêm da regularidade de comunicações sensoriais e emocionais com um objeto que ainda não é reconhecido como tal. Neste momento, ainda não há uma organização tridimensional que contenha o sujeito e o limite como unidade diferenciada das experiências do entorno. O primeiro sentimento de existência nasce da percepção das ritmicidades sonoras e cinestésicas, desenvolvendo a hipótese do ritmo como primeiro continente (HAAG, 2018). Tal aquisição consiste na interiorização progressiva das estruturas rítmicas a partir das trocas de experiências entre o par mãe-bebê.

Em seus escritos sobre o ritmo e a intersubjetividade na constituição psíquica, Victor Guerra (2018a) também valoriza o sentimento de continuidade de existência como vinculado às experiências rítmicas compartilhadas entre o par mãe-bebê. O autor atribui ao ritmo uma importância ímpar na construção da subjetividade, apresentando-o como organizador psíquico e temporal. O ritmo é composto por continuidades e descontinuidades que, costuradas, formam o tempo e a história singular de cada um. Suas idas e vindas de aconteci-

mentos dão ao sujeito a possibilidade de prever e conhecer possíveis situações, organizando as vivências desordenadas do bebê e trazendo um sentimento (ilusório) de segurança e confiabilidade. Nessa direção, o autor entende o ritmo como uma das primeiras formas de inscrição da continuidade psíquica, ao qual chamou de *identidade rítmica*. Para que um primeiro sentimento de identidade seja formado e assegurado ao longo do tempo e do espaço, Guerra (2018b) afirma que o ritmo terá papel fundamental e organizador no fluxo desordenado de sensorialidades do bebê, que precisa ser integrado.

Albert Ciccone (2018) compartilha da importância do ritmo como estruturante da subjetividade no bebê. A ritmicidade dos cuidados no início da vida, que levem em conta o ritmo próprio do bebê, instaura nele uma base de segurança. Se há a cocriação de um ritmo harmônico e próprio ao par, a ritmicidade dá ao bebê a ilusão da permanência e da continuidade de existência ao longo do tempo, oscilando momentos de continuidade com momentos de descontinuidade, culminando na segurança de seu sentimento de si. Tanto as continuidades quanto as descontinuidades são fundamentais para o psiquismo e a construção do sentimento de continuidade de existência. A importância de ambas adviria na medida em que as continuidades constituem a tessitura através da qual o psiquismo se vê existindo ao longo do tempo e as descontinuidades determinam os limites entre sujeito e objeto, protegendo-o de possíveis excessos do outro.

O acesso à intersubjetividade e o caminho rumo à subjetividade do bebê passam pela mediação desses ritmos compartilhados no contato entre o par mãe-bebê. Golse (2018) afirma que essa cocriação rítmica é "diálogo dos corpos e dos comportamentos e diálogos dos psiquismos, diálogos mútuos, mas certamente assimétricos" (p. 11, tradução nossa). Diante de um compartilhamento que pressupõe dissimetria, o autor apresenta a metáfora da mãe como espécie de "maestro", chefiando a orquestra de diferentes ritmos e experiências do bebê. Nesse sentido, a mãe aparece como aquela que deve conseguir auxiliar o bebê a organizar os diferentes fluxos sensoriais recebidos de acordo com o estabelecimento desse ritmo compartilhado. A mãe desempenha papel importante ao mediar a sincronização polissensorial que abre caminhos para a futura concepção dos objetos enquanto diferenciados do bebê, colocando-o na seara da intersubjetividade.

As continuidades e descontinuidades no início da vida, advindas do ritmo comum entre mãe e bebê, constituem o processo de subjetivação do bebê e as sensações provenientes do mundo externo vão começando a formar, no sujei-

to, um núcleo íntimo e pessoal, responsável pelo sentimento de existência de si. As continuidades presentes neste ritmo comum possuem estreita relação com a noção de identidade, com o sentimento de continuidade de existência,

> que é correlato do estabelecimento de limites eu/não eu estáveis. Ambos estão intimamente relacionados, de tal modo que uma efração dos limites do eu interrompe o sentimento contínuo de existência. A construção da identidade depende da qualidade dos cuidados maternos primários e passa pela ilusão primeira de uma continuidade entre eu e não eu, para depois haver uma aceitação secundária de uma descontinuidade entre os dois. Será uma tarefa psíquica para a vida mantê-los ao mesmo tempo separados e ligados (ARAGÃO; ZORNIG, 2018, p. 7-8).

No caso das automutilações, apostamos na ideia de que o sentimento de continuidade de existência encontrar-se-ia prejudicado com a ameaça de perda do outro, uma vez que os limites entre sujeito e objeto estão confusos. Podemos nos perguntar o que acontece quando o ritmo de aparecimento do outro através das sensorialidades não é suficientemente bom, quando o ritmo próprio do bebê não é respeitado, quando o tempo de aparecimento do outro é anterior à possibilidade do bebê de criá-lo internamente enquanto objeto?

RUMO AOS PROCESSOS DE DIFERENCIAÇÃO

Retomando alguns conceitos de Tustin (1990) apresentados acima, sublinhamos que o primeiro esboço de eu (eu-sensação) se encontra diretamente ligado a objetos, formas e sensações que fazem parte do mundo do bebê e são sentidas como partes do seu próprio corpo. O senso primitivo de eu que é desenvolvido através das sensações ainda não seria tão bem delineado e separado do mundo externo. As sensações, ritmos e vibrações experimentadas em contato com o corpo da mãe são fundamentais para preservar a ilusão de unidade com a mãe, que virá a partir das sensações corporais do bebê despertadas pelo entorno, fundamental na compreensão do bebê de que a experiência que ele tem da mãe é contínua e ininterrupta. Ele vai se dando conta, gradativamente, de que existem dois sujeitos na relação, e não um.

O descolamento do eu e a progressiva noção de existência diferenciada do corpo materno só vai ser possível gradativamente através do contato com o entorno do bebê. A forma como ele vai desenvolver essa consciência do outro

a partir do aparecimento gradual do não-eu será essencial para a construção do sentimento de si. A criança começa sua vida psíquica estabelecendo relações, não com outros sujeitos percebidos como tal, mas com as sensações despertadas pelo seu entorno. Estas sensações corporais percebidas são sentidas pelo bebê como partes de seu próprio corpo e ganham o nome de *objetos-sensação*, uma vez que o bebê só vem a conhecer o mundo através da sensorialidade. Nas palavras da autora:

> Antes, parece haver um período imediatamente após o nascimento em que a criança reage ao mundo exterior em termos de seu próprio corpo e suas disposições internas. Isso estabelece sua imagem corporal como base para a identidade pessoal. Esse tempo primitivo é um estágio em que a experiência com "objetos--sensação" centradas no corpo e com a mãe experimentada como um "objeto-sensação" que constitui parte de seu corpo prepara o bebê para relacionamentos posteriores com objetos 'não-eu', (*not--self*), experimentados como separados de seu corpo e aos quais ele tem que aprender a se ajustar (TUSTIN, 1984, p. 15).

O objeto-sensação torna visível o que é criado na subjetividade do bebê quando há o encontro deste com os objetos do mundo à sua volta. Esse conceito ressaltaria tanto as sensações e as percepções, quanto a existência dos próprios objetos dos quais elas emanam.

Antes de o bebê poder se relacionar em termos de objeto-sensação, contudo, Tustin (1990) destaca a importância das formas na constituição psíquica, ressaltando que o bebê humano tem uma disposição inata para criar formas. Estas formas fariam referência às primeiras impressões do mundo, se originando das sensações corporais. Não se refere a formas geométricas, mas a formas pessoais e idiossincráticas, que vão ter significado particular, de acordo com a singularidade de cada um. O importante não seria o desenho da forma em si, mas a impressão que ela organiza. Em suas palavras:

> Essas "formas" primárias são provavelmente formações vagas de sensações. Elas tenderiam a compensar a aleatoriedade do fluxo de sensações que constitui o senso de ser primitivo da criança (TUSTIN, 1990, p. 99).

Assim como os objetos-sensação, as *formas-sensação* adviriam de sensações corporais sentidas como partes do próprio corpo, porém em um momento mais primitivo. Ressaltamos que a experiência de se tornar humano tem

relação direta com um fluxo primitivo de sensações não coordenadas que passaria por uma percepção do mundo através de formas até chegar a um eu que as contenha. As formas-sensação contêm uma noção rudimentar de limite e de espaço, organizando a experiência vivida e propiciando uma transformação no espaço subjetivo, de forma a construir a espacialidade psíquica.

Optamos por adotar o termo *sentimentos-sensação* (MANO, 2013) para designar uma última descrição ao lado das formas-sensação e dos objetos--sensação. Se as formas-sensação são as primeiras impressões das coisas e os objetos-sensação são formas associadas a objetos reais para que estes possam ser sentidos como partes do seu próprio corpo, os sentimentos-sensação seriam as primeiras "experiências infantis muito primitivas, nas quais 'sentimentos' são experimentados de forma física tátil como sensações de vários tipos" (TUSTIN, 1990, p. 69). Nestes casos, a emoção não seria um efeito das qualidades do objeto percebidas, mas das próprias sensações experimentadas.

Com o intuito de aprofundar a discussão, gostaríamos de trazer uma ideia de Fontes (2010), que afirma a existência de uma confusão inicial entre as principais emoções advindas de um funcionamento psíquico mais primitivo com sensações físicas corporais. A autora destaca o tato como sentido privilegiado nesse campo de trocas entre bebê e ambiente e afirma que, a partir do contato do bebê com objetos suaves e macios, ele vai entrando em contato com o sentimento da ternura. Dessa forma, o sentimento "ternura", inicialmente, é sentido, fisicamente, como tátil.

Gostaríamos de ampliar esta compreensão para outras confusões de sentimentos iniciais que pode haver entre a emoção compartilhada e a sensação física experimentada: assim como a ternura, o sofrimento também pode ser vivenciado como uma emoção que aparece no corpo, na forma de sensação física. Esta forma de delinear a questão nos ajuda a pensar o campo das automutilações. A partir desta hipótese, compreendemos que emoções difusas experimentadas pelos sujeitos que se automutilam podem ser transportadas para uma sensação física de machucar a própria pele, de forma que a emoção em si pode não ser percebida no momento do ato, mas o efeito de suas qualidades transforma-se nas próprias sensações físicas que serão experimentadas corporalmente.

Há um caminho gradual a ser percorrido para que o objeto possa enfim ser reconhecido como diferente do sujeito. No intuito de acessar a intersubjetividade e a diferenciação, a experiência do "não-eu" é crucial para o desenvolvimento do eu, desde que não seja vivida de forma antecipada ou abrupta. Caso contrário, a aparição do outro ocorre antes de ser possível realizar a cons-

trução mental de uma mãe contínua no tempo e espaço, diferenciada e separada do bebê.

Com o intuito de evitar a percepção precoce do outro, este período do desenvolvimento seria marcado por uma fase anterior ao autoerotismo freudiano: a *autossensualidade* (TUSTIN, 1984). Enquanto o autoerotismo diz respeito às fases da sexualidade infantil nas quais o sujeito obtém a satisfação de forma fragmentada a partir de partes do seu próprio corpo, sem recorrer a objetos externos (FREUD, 1905/1996), a autossensualidade protege o bebê do encontro prematuro com o "não-eu", de entrar em contato com o mundo, antes de se sentir devidamente integrado e diferenciado de seus objetos primordiais.

No estado de autossensualidade, o bebê sente a mãe de forma autossensual, protegido pela ilusão de que ele e a mãe são partes do mesmo corpo, de forma que as partes do corpo da mãe com as quais ele tem contato são sentidas por ele como sendo partes de seu próprio corpo, mantendo a ilusão inicial de que dois fazem um. É nesta direção que "o ego primário é um ego autossensual" (TUSTIN, 1990, p. 42), uma vez que a autossensualidade protege o bebê do encontro prematuro com o "não-eu". Neste momento, também não há o recurso a objetos externos e pessoas e coisas raramente seriam percebidas como separadas, com existência própria, sendo consideradas como uma extensão de suas próprias atividades corporais.

A autossensualidade propicia um momento de indiferenciação relativa, uma vez que não se caracteriza nem como anobjetal e nem como relações objetais precoces operando desde o início da vida, descritas pelos teóricos das relações objetais. A partir de leituras posteriores sobre teóricos que trabalhavam com a observação de bebês, como Trevarthen, Brazelton e Stern, Tustin (1990) aponta que "quando as primeiras diferenciações estão prosseguindo normalmente, é provável que haja momentos oscilantes de consciência de separação física da mãe, mesmo nos primeiros momentos de vida" (p. 41). Dessa forma, podemos compreender a ideia de uma indiferenciação "relativa", uma vez que há momentos, mesmo que breves, nos quais o bebê possui consciência de que ele não é fusionado completamente com a mãe.

Sobre a noção de indiferenciação relativa no início da vida, estamos de acordo com Golse e Roussillon (2010), quando os autores mencionam um gradiente dinâmico e progressivo entre os estados de indiferenciação primitiva e de intersubjetividade. Os autores defendem a ideia de que o acesso à intersubjetividade não ocorre de forma "tudo ou nada", mas que é lentamente composto por oscilações entre momentos nos quais o bebê se sente indiferenciado da

mãe, e outros momentos intersubjetivos, fugidios e breves inicialmente e ganhando mais consistência ao longo do tempo, nos quais o bebê suporta a vivência da mãe como minimamente diferenciada dele. De acordo com os autores, existiria um núcleo de intersubjetividade primária atuando desde os primórdios no bebê, mesmo que ele não seja percebido totalmente como tal.

Com base no conceito de *nebulosa subjetiva* de Myriam David, somos levados aos momentos intersubjetivos do início da vida, nos quais o bebê encontra-se imerso em uma espécie de estados subjetivos não unificados. Nestes, haveria instantes nos quais o bebê vive um estado de confusão entre ele mesmo e a mãe, culminando em ilusões de fusão entre o par mãe-bebê; e outros, nos quais a mãe consegue ser percebida minimamente como um outro diferenciado, a ponto de o bebê poder estabelecer interações entre dois sujeitos (ROUSSILLON, 2010). Estes momentos, contudo, não durariam muito tempo, não garantindo ainda a existência de si e do outro como entidades totalmente separadas.

Destacando ainda as contribuições de Roussillon (2004), gostaríamos de propor a reflexão de que a primeira noção de outro para o bebê só pode ser um outro especular, ou seja, suficientemente parecido com o bebê e só levemente diferente dele. É esta característica de refletir o outro que vai possibilitar o acesso à intersubjetividade como um processo que se desenvolve de forma lenta e gradual, mas precocemente marcado por momentos de diferenciação acessíveis a partir de suas interações.

A vivência da autossensualidade combinada com uma adaptação gradual da mãe, no sentido de se fazer presente como outro separado do bebê aos poucos, respeitando o ritmo do bebê em conhecer mais do mundo, é fundamental para a instauração do sentimento de continuidade do bebê. O fato de essa sintonia inicial se delinear na direção de a mãe poder ser percebida aos poucos como parte separada e diferente do corpo do bebê, permite a ele começar a guardar a presença da mãe em seu psiquismo, mesmo quando ela está ausente e, com isso, vão nascendo sujeito e objeto.

Seguindo uma linha similar de pensamento, encontramos a hipótese winnicottiana de objeto *encontrado/criado*: o objeto é criado alucinatoriamente e encontrado no campo da percepção. Esta coincidência dos processos abre ao campo da *ilusão*, para o qual será fundamental refletir sobre a importância da presença do objeto.

Pensando a respeito do desenvolvimento emocional primitivo do bebê, Winnicott (1953/1975) nos apresenta o que chamou de momento da ilusão-desilusão. Segundo o autor, para que este processo seja satisfatório, será ne-

cessário que, de início, a mãe se adapte ativamente às necessidades do bebê e, aos poucos, de acordo com a possibilidade de este bebê tolerar frustrações, vá se desadaptando gradativamente. A adaptação inicial quase completa ao bebê dá a ele a *ilusão* de que o ambiente é criado e controlado de forma onipotente por ele.

No início da vida, um bebê se dá conta de que há algo que poderia diminuir sua tensão pulsional. Ele não sabe exatamente do que se trata, o que deve ser criado, mas sente que algo pode ser feito. Neste momento, a mãe aparece e, se devidamente adaptada ao bebê, compreende aquele chamado e encontra uma resposta que é sentida pelo bebê como satisfatória. Ou seja, há uma sobreposição entre o ato materno de suprir uma necessidade do bebê e o que ele poderia conceber como necessidade. Nesse sentido, a ilusão habita uma área intermediária entre interno e externo, entre o que é objetivamente percebido e o que é subjetivamente concebido – a área do transicional.

O campo da ilusão traz à tona a coincidência entre os processos de criação do bebê em sua onipotência e controle mágicos e a devoção materna em suprir alguma necessidade que ela acredite estar presente no bebê. Nas palavras de Winnicott (1953/1975, p. 26), "a mãe coloca o seio real exatamente onde o bebê está pronto para criá-lo, e no momento exato".

O papel desempenhado pela ilusão é fundamental para todo o desenvolvimento emocional posterior da criança, uma vez que essa adaptação suave à realidade é o que permitirá que ela mantenha uma relação mais saudável com as barreiras entre interno e externo, objetivo e subjetivo, fantasia e realidade. Ressaltamos a presença do objeto no conceito de ilusão winnicottiano, uma vez que nos fala sobre a importância da coincidência entre os processos do bebê e a resposta ambiental. Este processo só ocorre se há uma sintonia entre mãe e bebê neste momento inicial. É apenas de acordo com a resposta da mãe que a ilusão criada pelo bebê pode se tornar percepção a partir de uma sensação primitiva vivida pelo bebê (ROUSSILLON, 1999).

Quando o ambiente surge de forma prematura para o bebê, rompendo a ilusão de onipotência de criação do mundo winnicottiana e dilacerando a unidade fictícia, sugerida por Tustin (1984), entre o corpo do bebê e o corpo da mãe, haveria um rompimento da autossensualidade protetora (que fazia com que o mundo aparecesse como criação e parte do bebê), culminando no aparecimento precoce do não-eu. Essas vivências prejudicam os processos de diferenciação, não respeitando o ritmo de elaboração do bebê e deixando marcas que podem ressoar por toda a vida do sujeito.

Tendo em vista que nos quadros de automutilação estão em jogo dificuldades com separações que não podem ser vividas como bem delineadas entre dois sujeitos diferenciados, podemos nos perguntar se teria havido vivências desestruturantes de descontinuidade sentidas como separações antes da compreensão de que aquele outro não era parte dele próprio? Teria o ritmo entre o par mãe/bebê se passado de forma desarmônica, não respeitando as condições de possibilidade do bebê de construir um momento de ilusão e criação do objeto antes que o mesmo fosse apresentado para ele como outro minimamente diferenciado?

DESCONTINUIDADES NAS ORIGENS DAS AUTOMUTILAÇÕES

Discorrendo sobre a importância dos processos de subjetivação, destacamos alguns episódios nos quais as vivências de diferenciação não ocorrem de forma minimamente satisfatória, respeitando o ritmo próprio do bebê, aos quais Golse (2014) nomeia de *violências da diferenciação*. Descartando deste cenário o caráter constitutivo da violência, trabalhado por autores como Laplanche e Aulagnier, o autor faz referência a casos nos quais os processos de diferenciação começam a ocorrer muito precocemente, de forma rápida ou brutal para o bebê. Nesses casos, o objeto começa a se fazer presente em tempo anterior ao das possibilidades de elaboração da percepção da diferença pelo bebê e o não-eu surge como fenômeno imprevisível e dilacerante.

Retomemos a contribuição de Tustin (1984) de que, no estado inicial de autossensualidade, ainda não há a concepção de um objeto distinto, separado do bebê. Encontramos aí uma vivência de ilusão de que ele e a mãe são partes do mesmo corpo, as partes do corpo da mãe com as quais se tem contato são sentidas pelo bebê como sendo partes de seu próprio corpo, preservando o bebê do contato precoce com os objetos. Se vivências de separação ou descontinuidade excessiva com o objeto primordial ocorrem recorrentemente, transbordando as capacidades de paraexcitação do par mãe-bebê, os processos que se instauram no bebê não são da ordem da separação entre sujeito e objeto, como já explicitamos no início do presente artigo, mas uma sensação de aniquilamento que transborda o bebê. Se o outro primordial é sentido como parte dele próprio, as vivências de descontinuidade deflagradas pelo desaparecimento do outro têm proporções catastróficas de perda de si mesmo no bebê.

Para construir o raciocínio de um eu que se perde juntamente com os objetos nesta etapa da autossensualidade, Tustin (1984) recorre aos escritos de Winnicott (1963/1983), que também localiza situações nas quais descontinuidades precoces entre o par mãe-bebê podem ter como significado a sensação da perda de partes do corpo do próprio sujeito:

> Por exemplo, a perda pode ser de certos aspectos da boca, que desaparece do ponto de vista do lactente junto com a mãe e o seio, quando há uma separação em uma data anterior àquela na qual o lactente alcançou um estágio do desenvolvimento emocional que propiciaria a ele o equipamento para lidar com a perda. A mesma perda da mãe alguns meses mais tarde poderia ser uma perda de objeto sem este elemento adicional da perda da parte do sujeito (WINNICOTT, 1963/1983, p. 200).

Dessa forma, ressaltamos que vivências precoces e abruptas de descontinuidades neste período inicial da vida resultam em rompimento repentino do sentimento de ilusão (WINNICOTT, 1953/1975). Este caminho da ilusão à desilusão deve ser apresentado aos poucos, de acordo com as capacidades gradativas do bebê de entrar em contato com a frustração advinda do mundo exterior e das vivências do não-eu.

Nos casos em que há vivências de separação antes de o bebê estar preparado para se relacionar com o mundo em termos de não-eu, este é experimentado como aterrorizante. Tustin (1990) descreve uma cena emblemática com base em um de seus casos clínicos, na qual um bebê que faz contato precocemente com a ideia de que o mamilo da mãe em sua boca durante o momento de amamentação não seria parte de sua própria boca. Essa percepção culmina no fato de o mamilo se destacar do amálgama sensorial "boca-envolvendo--mamilo", que ela chama de "cacho-de-sensações". A autora ressalta o temor que assola a criança a partir da percepção precoce do mamilo como não-eu, na medida em que, uma vez que o mamilo deixa de fazer parte da ilusão de habitar o corpo da própria criança, ele pode vir a desaparecer a qualquer momento, levando todo o alimento e afeto com os quais se deliciava.

O contato precoce com o não-eu resultaria na criança em um medo de aniquilamento similar ao medo do colapso winnicottiano. Recordemos que Winnicott (1967/1975) afirma que o afastamento da mãe por um tempo maior do que o bebê é capaz de suportar nesses momentos iniciais da vida é vivido por ele como sentimento de aniquilação, como se nem a mãe e nem ele existis-

sem mais. A partir da percepção precoce do mamilo como parte não-eu, a criança perde com ele a ilusão de um corpo que cria e controla o mundo externo, ficando vulnerável e à mercê de um outro que surge como ameaçador de sua própria existência.

A partir das últimas contribuições apresentadas sobre a precocidade do aparecimento do não-eu, gostaríamos de complementar a hipótese referida anteriormente. Se os fenômenos de automutilação constituem uma defesa frente à ameaça de perda do outro, defendemos a ideia de que, nestes casos, teria havido vivências precoces de descontinuidade que romperam a capacidade ilusória do bebê em um momento em que o objeto primordial era sentido como uma extensão do próprio corpo do sujeito. É nesta direção que a perda do outro é sentida como ameaça de aniquilamento.

Separações, perdas e rupturas constituem descontinuidades inevitáveis na vida de um bebê, mas que não devem exceder certo tempo. Destacamos com Ciccone (2018) que "o objeto não pode desmentir a promessa do encontro e o encontro deve acontecer de maneira rítmica, num ritmo que garanta a continuidade" (p. 19). Ultrapassado esse tempo máximo, a ausência se transforma em vazio. O par separação/diferenciação encontra-se intrinsecamente ligado ao par presença/ausência, de forma que o ritmo surge como elemento fundamental na compreensão dos processos de diferenciação (GOLSE, 2001).

Sublinhamos que *a ritmicidade organiza a experiência de separação* no desenvolvimento do bebê, ajudando a curar a fratura que esta produz. A ritmicidade permite a antecipação de novos elementos, dando ao bebê não apenas a capacidade de desenvolver a ideia de permanência no tempo (de si e, posteriormente, do objeto), mas auxiliando na própria capacidade de criação winnicottiana do objeto encontrado/criado. Com base nesta ideia, podemos supor que um ritmo não gerenciado leva a falhas nos processos de separação/diferenciação. Nas palavras de Ciccone (2018):

> quando as disritmias são não temperadas, desorganizadoras, e o bebê fracasse ao encontrar uma continuidade nas experiências corporais, nas sensações, e fracasse em reestabelecer uma ritmicidade, em se apegar a movimentos rítmicos, então ele se desorganizará, se agitará, mergulhará numa experiência informe e confusa (p. 22).

Sobre experiências rítmicas não subjetivadas, ressaltamos a *disritmia* como figura prototípica dos desencontros precoces. Roussillon (2006) consi-

dera o ritmo harmônico coconstruído entre o par mãe-bebê essencial para a constituição psíquica do bebê. Nesses casos, afirma que o sofrimento advém do não respeito deste ritmo, deixando falhas que ficarão registradas não sob o domínio da representação, mas da *apresentação* do corpo.

No campo das automutilações, podemos compreender, a partir das hipóteses apresentadas, que haveria excesso de descontinuidades, vivido no momento primevo de instauração dos processos de diferenciação entre sujeito e objeto, culminando em *falhas rítmicas* entre o par mãe-bebê. Essas falhas constituem uma dimensão de disritmia precoce, deixando em evidência os desencontros e as desarmonias experimentadas pelo bebê em termos de apreensão gradativa do mundo. Devido à falta de sintonia do par, o outro enquanto não-eu teria surgido de forma precoce e/ou abrupta para o bebê, que ainda não tinha elementos para se ver diferenciado.

Essas vivências levam a uma dimensão arcaica da automutilação, que denuncia as disritmias que compuseram o par sujeito e objeto primordial. Ecos advindos dos primeiros processos de diferenciação surgem em diferentes momentos da vida, em diferentes situações de perda do outro. Nesses casos, separar-se de uma figura importante na adolescência ou na vida adulta (que pode ser o próprio objeto primordial ou alguém que ocupe esse lugar de importância) pode vir a significar a não existência, como se o eu fosse se perder junto com o outro que parte.

Assim como a hipótese já apresentada de Prat (2007) afirma que as primeiras experiências sensíveis na direção de uma diferenciação são inscritas na dualidade da alternância entre *estar em contato* e *estar sem contato*, desde o útero materno, destacamos que o início da integração narcísica e do reconhecimento dos limites entre sujeito e objeto é proporcionado pela experiência de um ritmo seguro adquirido entre o par mãe-bebê, que só será possível através de um contato corporal, que passa pelo "pele-a-pele" (ANZIEU, 1985/2000). O estar em contato com os ritmos da mãe através de suas peles dá ao bebê, desde o útero, a sensação de que já existem momentos de diferenciação, mesmo que ínfimos.

Assim como Winnicott (1967/1975) e Tustin (1984, 1990) chamam atenção para os problemas advindos das vivências de descontinuidades maternas para o bebê, Prat (2010) afirma que a ausência precoce do outro nos primórdios da subjetivação pode ser vivida pelo bebê como um "arrancamento" de peles, deixando-o *sem contato*, vulnerável a buscar recursos de estimulação sensorial como forma de sobrevivência. Como uma espécie de busca pelos

traços sensoriais dessa pele comum perdida, que representaria a ausência do objeto primordial, pode-se pensar em uma dimensão deste fenômeno nos casos de automutilação. Nestes, o sujeito procuraria, na sensação de machucar a pele, o estado de *estar em contato*, garantindo sua existência momentânea e sua integridade narcísica, apesar das descontinuidades externas.

Dessa forma, voltamos a propor a importância das trocas através das peles na construção da subjetividade do bebê e retomamos a noção de sua própria pele como envelope de possível contenção das diferentes sensorialidades. A pele representa um primeiro lugar de contato entre o bebê e o outro, sentido através das variações rítmicas uterinas (PRAT, 2010). Ela também será o recurso através do qual os sujeitos que se automutilam buscam recuperar ou preservar uma possível perda de integridade narcísica e do sentimento de continuidade de existência.

Retomando a temática da pele e evocando as contribuições de Esther Bick (1968), a autora apresenta em seu clássico artigo, intitulado *The experience of the skin in early object-relations*, a tese de que, nas mais primitivas formas de relação de objeto, as partes da personalidade do bebê são sentidas como não tendo ligações entre si e devem ser integradas a partir da experiência da pele. Em uma proposta similar ao que temos discutido no presente artigo acerca das primeiras experiências do bebê como sensorialidades fragmentadas que só podem ser vividas "uma a uma", a autora afirma que estas partes não integradas da personalidade são sentidas de forma fracionada, sendo necessário que "algo" venha assumir o lugar de função de contenção para uni-las narcisicamente. Para ela, é a pele que fará o papel de integrar as partes dispersas, se configurando como continente dessas sensorialidades, demarcando um território único, fechado e diferenciado de outros sujeitos e objetos.

Nesse sentido, a pele é o órgão que liga diferentes sensorialidades vindas dos órgãos dos sentidos variados, de forma a possibilitar uma experiência de integração física, conforme sinalizado anteriormente, mas que só será possível a partir de uma experiência rítmica compartilhada. A pele também possui dupla face, com camadas distintas, que comunicam e separam o interior do exterior. A pele envolve todo o corpo e o delimita, ao mesmo tempo em que é flexível e plástica. Por último, destacamos que a sensibilidade tátil é reflexiva, o que antecipa e prepara para outras reflexividades alcançadas com o desenvolvimento do eu (MANO, 2013).

Ressaltamos ainda as contribuições de Paul Lacombe (1959), psicanalista pioneiro na temática da pele nos processos de constituição psíquica. No artigo

intitulado *Du rôle de la peau dans l'attachement mère-enfant*, o autor investiga a importância do vínculo existente entre mãe e bebê possibilitado pela experiência de troca entre ambas as peles e suas consequências para a constituição psíquica do sujeito. O autor apresenta alguns germes da discussão posterior que Anzieu vai propor acerca da pele e do início da vida. Ele chama atenção para a importância fundamental da pele nas primeiras relações objetais e para a forma através da qual uma história infantil inicialmente conturbada entre o par mãe-bebê traz graves questões na vida adulta dos pacientes, dentre elas episódios de automutilação e crises ligadas a separações.

Habitar a própria pele possui relação direta com a questão da diferenciação eu/não-eu. Dificuldades nestes momentos de constituição podem vir a prejudicar o processo de diferenciação, mantendo o indivíduo "preso" à pele e ao corpo do outro, ou melhor, mantendo o outro preso e misturado à sua própria pele e corpo. Neste sentido, o ataque à pele nas automutilações representa uma tentativa paradoxal de contenção, uma vez que há na sensorialidade uma promessa de integração do eu, assim como acontecia nos primórdios das experiências do eu. Podemos afirmar que o campo da sensorialidade mantém "os vínculos entre psique e soma, constitutivos do eu-corporal, suscetíveis de acolher, integrar e subjetivar as experiências psíquicas" (KONICHECKIS, 2016, p. 1020, tradução nossa). Esses elementos trazem o sujeito para o tempo presente, lembrando-lhe de que ele permanece vivo e integrado, sem ter sido aniquilado pela partida do outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas automutilações, o sentimento de continuidade de existência costuma se encontrar prejudicado e parece não haver limite claro entre sujeito e objeto, e a separação do outro pode levar ao sentimento de ruptura na continuidade de existência, se configurando como uma ameaça à integração narcísica daquele sujeito. Diante da vivência de ameaça de aniquilamento, uma saída radical encontrada nas automutilações seria buscar uma espécie de contenção, que é alcançada através do ato de ferir o próprio corpo, encontrando alívio temporário em uma atividade de convocação da sensorialidade com o intuito de recuperar a integridade narcísica ameaçada. Se a continuidade de existência é garantida inicialmente pelas trocas rítmicas existentes entre o par mãe-bebê, mediadas pela sensorialidade, o sujeito que se automutila recorre a esse efeito de integração que adviria do encontro com o sensorial.

Na direção destes questionamentos, sublinhamos que as sensações atestam a existência de uma realidade externa e, a partir disso, podem garantir momentaneamente para o sujeito um sentimento de continuidade de existência. No caso das automutilações, percebemos que este sentimento de continuidade de existência se encontra prejudicado, de forma que o recurso ao sensorial é evocado como forma extrema de recuperar este sentimento. A sensação de alívio encontrada nestes atos tem relação direta com este tempo no qual a existência está garantida. A automutilação permite que o sujeito recupere sensações advindas de elementos que são, ao mesmo tempo, repetitivos, porém novos e também formadores da vida psíquica. Estes elementos sensoriais recuperados e criados pelo ato surgem como plano de fundo através do qual podem surgir novas simbolizações.

Natália de Oliveira de Paula Cidade
nataliaopcidade@gmail.com

Referências

ANZIEU, D. (1985). *O Eu-pele*. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

ARAGÃO, R. O. A sensorialidade e os processos de subjetivação. *Primórdios*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 5, p. 13-23, 2018.

_____.; ZORNIG, S. Apresentação. In: _____. (Orgs.). *Continuidade e descontinuidade no processo de subjetivação do bebê*. São Paulo: Escuta, 2018. p. 7-12.

BICK, E. The experience of the skin in early object relations. *International Journal of Psychoanalysis*, Londres, n. 49, p. 484-486, 1968.

CICCONE, A. A ritmicidade nas experiências do bebê, sua segurança interna e sua abertura para o mundo. In: R. O. ARAGÃO; S. ZORNIG (Orgs). *Continuidade e descontinuidade no processo de subjetivação do bebê*. São Paulo: Escuta, 2018. p. 15-28.

CIDADE, N. *A dimensão arcaica das automutilações:* descontinuidades nos primórdios da vida. 2020. Tese (Doutorado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

CORCOS, M. ; RICHARD, B. L'emotion mutilée: approche psychanalytique des automutilations à l'adolescence. *La psychiatrie de l'enfant*, v. 49, n. 2, p. 459-476, 2006.

DARGENT, F. Corps scarifié, adolescence marquée. *Revue française de psychosomatique*, v. 2, n. 38, p. 131-143, 2010.

_____.; MATHA, C. *Blessures de l'adolescence*. Paris: PUF, 2011.

FELDMAN, M. D. The challenge of self-mutilation: a review. *Comprehensive Psychiatry*, v. 29, p. 252-69, 1988.

FONTES, I. *Psicanálise do sensível*: fundamentos e clínica. São Paulo: Ideias & Letras, 2010.

FREUD, S. (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.* Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 117-231. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 10).

_____. (1914). *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 77-108. (ESB, 14).

_____. (1915). *Os instintos e suas vicissitudes*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 117-144. (ESB, 14).

_____. (1920). *Além do princípio do prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 12-75. (ESB, 18).

_____. (1923). *O ego e o id.* Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 15-80. (ESB, 19).

_____. (1926[1925]). *Inibições, sintomas e ansiedade*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 81-171. (ESB, 20).

GOLSE, B. De la différenciation à la séparation: it's a long way to go! *Revue française de psychanalyse*, v. 2, n. 65, p. 369-380, 2001.

_____. *L'être-bébé*. Paris: PUF, 2006.

_____. De l'intersubjectivité à la subjectivation: un exemple de passage de l'interpersonnel à l'intrapsychique. *Enfances & Psy*, v. 1, n. 62, p. 29-38, 2014.

_____. Préface. In: GUERRA, V. *Rythme et intersubjectivité chez le bébé*. Toulouse: Érès, 2018. p. 7-12.

_____.; ROUSSILLON, R. *La naissance de l'objet*. Paris: PUF, 2010.

GUERRA, V. *Rythme et intersubjectivité chez le bébé*. Toulouse: Érès, 2018a.

_____. Formas de (de)subjetivação infantil em tempos de aceleração: os transtornos da subjetivação arcaica. In: R. O. ARAGÃO; S. ZORNIG (Orgs). *Continuidade e descontinuidade no processo de subjetivação do bebê*. São Paulo: Escuta, 2018b. p. 165-191.

HAAG, G. Clivages dans les premières organisations du moi: sensorialités, organisation perceptive et image du corps. *Le Carnet PSY*, v. 8, n. 112, p. 40-42, 2006.

_____. *Le moi corporel:* autisme et développement. Paris: PUF, 2018.

KONICHECKIS, A. Des sens aux sens, sensorialité et signification. In: BOUBLI, M.; KONICHECKIS, A. (Orgs.). *Clinique psychanalytique de la sensorialité*. Paris: Dunod, 2002. p. 125-155.

_____. Les sensations entre plasticité, ombre et arrière-plan. *Revue française de psychanalyse*, v. 4, n. 80, p. 1012-1023, 2016.

_____. Subjetivação e sensorialidade: os embriões do sentido. In: ARAGÃO, R. O.; ZORNIG, S. (Orgs). *Continuidade e descontinuidade no processo de subjetivação do bebê*. São Paulo: Escuta, 2018. p. 75-94.

LACOMBE, P. Du rôle de la peau dans l'attachement mère-enfant. *Revue française de psychanalyse*, v. 1, n. 23, p. 83-102, 1959.

MANO, B. C. *Clínica do continente*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

POMMEREAU, X. Les violences cutanées auto-infligées à l'adolescence. *Enfances & Psy*, v. 3, n. 32, p. 58-71, 2006.

PRAT, R. La préhistoire de la vie psychique: son devenir et ses traces dans l'opéra de la rencontre et le processus thérapeutique. *Revue française de psychanalyse*, v. 71, n. 1, p. 97-114, 2007.

_____. Histoire de peau: à fleur de peau, peau de chagrin, peau de vache, tenir à sa peau, avoir dans la peau, être dans la peau, faire la peau, faire peau neuve… *Revue française de psychanalyse*, v. 74, n. 5, p. 1635-1640, 2010.

QUINODOZ, J-M. (1991). *La solitude apprivoisée: l'angoisse de séparation en psychanlyse*. 5. ed. Paris: PUF, 2014.

ROUSSILLON, R. *Agonie, clivage et symbolisation*. Paris: PUF, 1999.

_____. La dépendance primitive et l'homosexualité primaire « en double ». *Revue française de psychanalyse*, v. 68, n. 2, p. 421-439, 2004.

_____. *Paradoxos e situações limites da psicanálise*. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

_____. La psychanalyse à l'écoute de l'histoire archaïque et la communication non verbale. In: CRAMER, B.; ELIEZ, S.; SOLCA, B. (Orgs.). *Des psychanalystes en pédopsychiatrie*. Paris: PUF, 2010. p. 96-117.

_____. La séparation et la dialectique présence/abscence. In: CHABERT, C. (Org.). *Les séparations*. Toulouse: Érès, 2013. p. 213-230.

TUSTIN, F. *Autisme et psychose de l'enfant*. Paris: Éditions du Seuil. 1977.

_____. *Estados autísticos em crianças*. Rio de Janeiro: Imago, 1984.

_____. *Barreiras autistas em pacientes neuróticos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

WINNICOTT, D. W. (1953). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: _____. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 13-44.

_____. (1967). A localização da experiência cultural. In: _____. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 133-14.

_____. (1963). Os doentes mentais na prática clínica. In: _____. *O ambiente e os processos de maturação*. Rio de Janeiro: Imago, 1983. p. 196-206.

_____. (1974). O medo do colapso. In: _____. *Explorações psicanalíticas*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1994. p. 70-76.